

ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO IDENTIDADES PROFISSIONAIS

Tácio Assis Barros¹
Laís Leni Oliveira Lima²
Helen Patrícia Alves Silva³

¹ Universidade Federal de Jataí (UFJ) / tacio_barros@discente.ufj.edu.br

² Universidade Federal de Jataí (UFJ) / lais_lima@ufj.edu.br

³ Secretaria Municipal de Educação/ helensilva2929@gmail.com

Resumo:

Este texto é resultado do Relatório do Estágio Curricular Obrigatório I – Educação Infantil. Objetiva apresentar o conceito e a essencialidade do Estágio Obrigatório e registrar a experiência vista e vivida, no período da observação, em uma instituição municipal de Educação Infantil, campo de estágio da Universidade Federal de Jataí. A turma em que realizamos a observação foi uma turma do Maternal 1A, constituído por vinte crianças de dois a três anos de idade. Os resultados revelaram que registrar as experiências vividas, descrevendo e analisando o cotidiano educativo é essencial para qualificar nossa prática educativa, construir saberes docentes e contribuir para o processo de constituição da identidade docente.

Palavras-chave: Relatos de Estágio. Observação. Saberes e Identidade Docentes.

Introdução

Este trabalho objetiva descrever o conceito e essencialidade do Estágio Curricular na licenciatura em Pedagogia, assim como descrever a experiência vivida no período de observação e coparticipação na instituição campo. Além disso, expomos a justificativa e objetivos deste Estágio Curricular Obrigatório I – Educação Infantil, vinculado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Jataí (UFJ), que tem como *lócus* de atuação do estagiário o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Flor do Cerrado¹.

O Estágio Supervisionado das licenciaturas, principalmente no curso de Pedagogia, é momento de grande expectativa para os discentes. Isso é dito, pois a realidade nacional concretiza essa trajetória nos semestres finais do curso. A Lei de número 11.788, de 25 de setembro de 2008, esclarece o Estágio Supervisionado como “ato educativo desenvolvido no ambiente de trabalho, sob supervisão, e tem como objetivo preparar os alunos para o trabalho

¹ Nome fictício dado a instituição de Educação infantil.

produtivo”.

Descrito como eixo articulador entre teoria e prática por Pimenta (2012), o Estágio Supervisionado também é considerado por Silva (2011) como essencial para os futuros docentes no intuito de descortinar os nossos olhos para as problemáticas que ali existem e, assim, viabilize uma análise da realidade por meio da teoria estudada e debatida na universidade.

A leitura desses autores supracitados, estudiosos sobre Estágio Supervisionado, nos permite afirmar que este momento não objetiva apontar erros, criticar ou culpabilizar alunos, professores e profissionais da educação. Busca-se, de fato, ampliar a visão da realidade em contexto à luz das teorias para amadurecimento acadêmico e profissional com vistas às proposições e intervenções que modifiquem os aspectos negativos que, possivelmente, serão encontrados/observados ali. Porém, até então, o tempo e espaço do estágio não permitem uma intervenção imediata e transformadora. É etapa para o estagiário observar, analisar, refletir, pesquisar e iniciar propostas de intervenção.

A carreira docente está embasada de prática e de teoria (PIMENTA; LIMA, 2006). No que concerne ao exercício docente, em específico, é sabido que muitas ações são apreendidas e aprendidas nos processos de leitura, interação e prática. Segundo essas autoras, embora o aprendizado aconteça por observação e repetição, essa maneira é limitada.

Por isso, a “associação entre teorias e práticas, mediante o estágio, é um dos três fundamentos para a formação dos profissionais da educação” (SILVA, 2011, p. 10). Neste sentido, o Estágio Curricular Obrigatório pressupõe atividades pedagógicas concretizadas em um contexto de relação interinstitucional e objetiva: (1) proporcionar ao discente (estagiário) reflexão contextualizada da realidade, tanto pelo Projeto Pedagógico da instituição formadora (Universidade Federal de Jataí) quando pela unidade de campo de estágio (CMEI Flores do Cerrado); (2) interpretação da realidade e (3) o desenvolvimento de ações relativas à docência e gestão educacional, o que permite uma avaliação da experiência, além da autoavaliação (SILVA, 2011).

A proposta do trabalho realizado na disciplina Estágio Curricular Obrigatório I – Educação Infantil (2023) se baseia na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica e Psicologia Histórico Cultural. A ementa objetiva oferecer subsídios teóricos práticos que auxiliem a

observar, identificar, problematizar e construir alternativas de intervenção da realidade profissional, à luz dos aportes teóricos estudados para a reflexão da realidade e de construção da autonomia docente para o exercício com crianças de zero a 5 anos, criando um espaço de estudo, pesquisa e construção de conhecimentos da profissão docente com base na realidade da Educação Infantil.

No que tange aos objetivos específicos, o plano de curso deste componente busca compreender a organização e funcionamento do campo de estágio, usando métodos de pesquisa para analisar aspectos socioeconômicos e estruturais. Além disso, objetiva-se explorar diferentes abordagens do estágio e seus elementos constitutivos e estudar conceitos de educação infantil e temas relacionados à docência. Integra-se ensino e pesquisa para promover uma abordagem investigativa do desenvolvimento infantil e das práticas educativas. Por fim, fomenta atitudes de cooperação, crítica, participação e criatividade nos alunos, combinando teoria e prática docente; além de favorecer a observação, descrição e análise do cotidiano educacional para orientar projetos de intervenção.

A preparação cuidadosa e planejada da observação é o que dá rigor à pesquisa, dado que este tipo de coleta de dados “[...] possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens” (LÜDKE; ANDRÉ, 2022, p. 26). A observação é subjetiva, pois, diferentes pessoas observando o mesmo objeto ou situação terão perspectivas distintas devido às suas experiências pessoais e bagagem cultural. No entanto, Lüdke e André (2022) destacam a importância de controlar e sistematizar esse instrumento de pesquisa científica. Isso exige planejamento, cuidado e rigor metodológico, incluindo preparo material, físico, intelectual e psicológico. Ademais, Lüdke e André (2022, p. 26) explicam que “sendo o principal instrumento de investigação, o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado”.

Neste artigo, as observações são guiadas por Silva (2011), autor que sugere um roteiro para que as atividades em *locus* sejam feitas com cuidado e rigor; e as análises são apoiadas em Lüdke e André (2022). Compreendemos que esse registro diário é um espaço de reflexão que oferece base para seguirmos a jornada juntamente com a turma do Maternal IA.

Em síntese, este trabalho assume a responsabilidade de uma pesquisa, por ser

considerada como tal, com o intuito de descrever e analisar observações, realizadas durante o Estágio Curricular Obrigatório I – Educação Infantil do curso de Pedagogia da UFJ, como apresentado nas páginas que se seguem.

O registro do vivido: experiências e vivências

Foram muitas as experiências² vividas no cotidiano da Educação Infantil, no período de observação e coparticipação da disciplina de Estágio Curricular Obrigatório I – Educação infantil, cada qual de seu modo especial, com marcas, traços, cores e formas.

Ao descrevermos nossa experiência, esse relato vira um documento que, além da exigência como trabalho acadêmico, é um momento de retornar e rever o vivido, atribuindo-lhe outros significados, dialogando com nossa prática iluminada pela teoria. Como afirma Ostetto (2008), a prática de registro nos permite construir a memória compreensiva, o que não é somente uma recordação e lembrança do que aconteceu, mas uma base para refletir sobre o passado, para avaliar as ações do educador, rever o cotidiano educativo, reafirmar o presente e projetar o futuro, uma vez que esse relato servirá de base para construção do projeto de intervenção durante o Estágio Curricular Obrigatório II – Educação infantil.

A seguir registramos e discutimos as observações e ações.

Aventuras de viver e conviver com crianças: experiências de estágio com vinte aprendizes

Era mês de junho, o grupo do Maternal IA reunia vinte crianças: onze meninas e nove meninos. Quando chegamos pela primeira vez na sala, a turma nos olhava com certo estranhamento, especialmente porque no magistério, especialmente a Educação Infantil, ainda é pequena ou quase inexistente a figura masculina. Alguns estudantes exibiam um sorriso um tanto tímido, outras um sorriso aberto, poucas nem sorriam, pareciam que estavam sonolentas ainda.

² Em função da delimitação de páginas para esse artigo, registramos duas das experiências de observação e coparticipação no período do Estágio I. As demais estão registradas no Relatório Obrigatório do Estágio Curricular Obrigatório I – Educação infantil.

Em clima de festa junina, uma manhã de quarta-feira gelada estampa o primeiro contato com as vinte crianças. Em uma sala quentinha, muito organizada, a professora e monitora da turma do Maternal IA recebem os alunos e alunas, pouco a pouco, de forma calorosa. Enquanto alguns estudantes estão saltando no carpete colorido da receptiva sala de aula logo pela manhã, outras ainda se resguardam esperando o sono esvaír para iniciar mais um dia repleto de aprendizagem.

Todas reunidas e prontas para explorar e aprender, é momento do café da manhã. Depois de guardarem as chupetas e cobertores, juntamente com as outras turmas do CMEI Flor do Cerrado, as crianças são conduzidas organizadamente para o pátio no intuito de fazerem sua primeira refeição do dia.

Nutridas com mais energia, retornam à sala e, então, é possível, gradativamente, conhecer um pouco da turma do Maternal 1A da professora Helena³:

- “Sabrina, vamos guardar o brinquedo?”

- “Este é o Emanuel, ele foi diagnosticado com autismo moderado, então seguimos as orientações passadas à família para evitar deixá-lo no centro das atividades e tê-lo próximo todo o tempo”.

- “Mariana, deixa o tio. Vem sentar. Essa é faladeira, já percebeu, né?!”

- “É a Thaís? A blusinha de frio dela não fecha mesmo não”.

- “Guga, vem aqui e pede desculpas. Agora abraça a coleguinha. Isso!”

É neste ritmo inicial que vamos registrando os nomes, personalidades, gostos e particularidades de cada aluno e aluna. A professora faz questão de ir pontuando como lidar com cada uma delas, o que enriquece mais ainda este primeiro momento no Estágio Curricular Obrigatório, pois nos ensina respeito às diversidades.

A atmosfera da tradição das festas juninas no CMEI segue em sala de aula com vídeos e danças para o grande dia de celebração desta data comemorativa.

O carpete está cheio delas, de olho para a televisão. O vídeo que se passa é sobre a história do “Arraiá”⁴. Para fugir da simples exposição do vídeo, a professora elicit os trajes tradicionais vistos na televisão e chama a atenção para a ausência de choro: “Tem alguém

³ Os nomes da professora e crianças são fictícios.

⁴ Este substantivo que descreve o local usado para festejos de apresentações de quadrilhas juninas, também é usado popularmente para designar as Festas Juninas.

chorando no arraiá?! Não! É momento de se divertir e não precisa chorar”. Essa ação lidera o momento seguinte de ensaio de quadrilha dentro da sala de aula, em círculo, como visto na imagem a seguir:



Figura 1: Ensaio de quadrilha

Após o ensaio energizante, é momento de pintar e revisar a letra inicial do nome de cada um(a), sugerida em uma atividade impressa. Os dedinhos delicados e miúdos das crianças foram sendo molhados, um a um, nas tintas guaches amarela e vermelha. O vermelho indicava a busca pela letra inicial de cada nome, o que as ainda intimidava inicialmente, mas rapidamente encontravam a letra correta. O amarelo dava vida as pipocas e extravasavam as linhas que as contornavam, ilustrando o processo ainda gradativo da coordenação motora de cada criança. O resultado final de cada uma decorou a borda do quadro branco com as obras de arte dessa turminha animada.

Essa turma do Maternal 1A ainda contém crianças que não abandonaram a fralda, portanto, durante a atividade “Saquinho de Pipoca”, a monitora chamava um por um para que a troca de fraldas acontecesse com qualidade e cuidado. De acordo com a professora e monitora, o desfralde começaria depois do período das férias.

Prontos para mais diversão, o parquinho é a recreação final antes do almoço e do momento da soneca.



Figura 2: - Ida ao parquinho

Surge vida no parquinho com a chegada das crianças, assim como as cores parecem se avivar por meio da alegria e curtição emanadas por elas. Professora e estagiários correm de um lado para o outro no intuito de evitar incidentes, sempre atentos.

Com a manhã mais aquecida depois de diversas atividades, os alunos e alunas aguardam o almoço e, depois de nutridas com uma alimentação bem preparada e balanceada, se preparam para tirar uma soneca aconchegante.

O subtítulo seguinte relata o primeiro encontro entre professora, monitora e estagiários após a festa junina da instituição.

O Lobo Mingau

Diferentemente da última manhã de quarta-feira que fazia os queixos tremerem de frio, esta manhã ensolarada aguardava as crianças com muitas peças de madeira que continham letras, imagens e números. Enquanto alguns montavam castelos, outros juntavam as unidades que continham animais.

Depois do momento de recreação no pátio, os alunos e alunas ficam curiosos ao se depararem com uma máscara de lobo pendurada ao quadro branco, do lado da letra 'L', ao retornarem à sala. A professora, então, ao colocar a máscara, pergunta se eles conhecem o personagem e qual a letra inicial dele. Logo após responderem corretamente aos questionamentos, é momento de assistirem a um vídeo sobre a estória completa dos Três

Porquinhos e o Lobo Mau⁵. Este momento introdutório objetivou contextualizar a atividade que viria a seguir: contar a história do Lobo Mingau.

Nós, estagiários, mais que depressa, também ficamos interessados e atentos durante a contação dessa interessante história que desfaz a ideia de o lobo ser uma figura maldosa.



Figura 3: Contação de história

Segundo Arce (2014), a arte de contar histórias precede a ação pedagógica, pois era dessa forma que culturas passavam suas tradições de gerações em gerações, o que ainda mantém identidades culturais vivas até hoje. “A figura do contador de histórias tradicional, portanto, acompanha o próprio desenvolvimento do homem e da sociedade.” (ARCE, 2014, p. 14). Entretanto, essa atividade acontecia frequentemente de forma oral, o que adormeceu essa ação por muitos anos. Com o advento da tecnologia e novos recursos da modernização, novas práticas foram impulsionadas e os registros das histórias logo foram sendo utilizadas por diversos campos científicos como o da saúde, psicologia e educação.

Ao mencionar Rocha (2010), Arce (2014, p. 15) afirma que

Gradativamente, o hábito de ouvir histórias deixou de ser uma prática cultural comum presente no cotidiano das pessoas de todas as idades, cujo encantamento de unir as pessoas em uma experiência singular, passou a ter endereço e hora marcada, com as escolas e bibliotecas, nas quais os professores e bibliotecários assumiam a tarefa de contar histórias como atividade educativa complementar para a formação cultural e leitora das crianças.

⁵ Video: <https://www.youtube.com/watch?v=N84TDkRoG0o>

Neste sentido, a contação de histórias tem sido utilizada para melhorar o processo de ensino e aprendizagem das crianças. Neste relato, em específico, a história do Lobo Mingau tem a intenção de desmistificar a moralidade do lobo mau, que vem sendo colocada em excesso por várias gerações. A leitura e contação dessa história não apenas visa entreter as crianças, mas ensiná-las da importância da sensibilidade e quebra de padrão que a sociedade impõe.

Arce (2014, p. 19) esclarece que o docente precisa, antes mesmo de abrir o livro e contar a história para a turma, entender o propósito da narrativa, pois sem esse saber “[...] o ato de contar histórias fica vazio, desprovido de sentidos, e converte-se em uma atividade mecânica. Conta-se a história por contar, desconhece-se sua arte e seus fundamentos estéticos e humanos”. Em suma,

[...] o contar histórias é um processo estético de ensino e aprendizagem do ser humano, cuja experiência estética da educação nasce do encontro e das possibilidades de aprendizagens que se estabelecem com os objetos presentes na vivência de cada um (ARCE, 2014, p. 21).

Isso é posto, pois o plano de ensino desta semana almeja demonstrar atitudes cuidadosas e solidárias entre os sujeitos, além de ressaltar o uso de boas maneiras na interação entre crianças e adultos. O livro do Lobo Mingau apresenta um personagem sensível, vegetariano e que se apaixona por uma loba considerada acima do peso pela sociedade, em outras palavras, o lobo quer ser aceito pela sociedade, pelas suas escolhas e diferenças.

Encantados com a história e imagens contidas no livro, a professora anuncia o momento de desenhar o Lobo Mingau e convida-os a vestir a roupa do lobo depois do desenho.

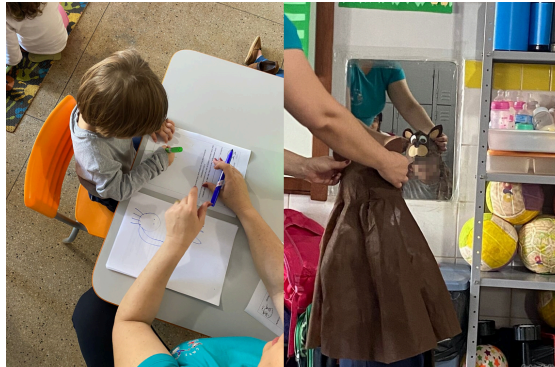


Figura 4: Desenho e vestimenta do lobo

Percebemos que a prática pedagógica do Maternal 1A está pautada na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2013) e se utiliza de sugestões didáticas presentes em Gasparin (2012).

Primeiramente, a professora parte da prática social dos alunos, de seus conhecimentos prévios, depois problematiza a questão de o Lobo Mingau não ter a característica de mau. A instrumentalização acontece por meio da contação da história, de forma adaptada para as crianças, e finaliza com a catarse quando são convidadas a desenhar o Lobo Mingau e a vestirem a fantasia, atividades que fomentam uma postura diferente do que tem sido trabalhado/difundido culturalmente sobre o lobo ser uma figura malvada.

O epílogo de mais uma manhã de observação demonstra a cordial recepção dos alunos e alunas, seguido do café da manhã e recreação no parquinho, além da contação de história do Lobo Mingau. Atividade educativa que contextualiza, desperta emoções e ensina pensamentos e atitudes humanizadas.

No que concerne essas atividades abertas e planejadas, percebemos constante planejamento e avaliação, pois as atividades propostas

devem desafiar a criança, permitindo ao mesmo tempo, que ela se expresse, explore e descubra. O professor de Educação Infantil precisa estar 100% com suas crianças, envolvido com elas em todos os momentos, por vezes propondo atividades, dirigindo-as, propiciando este *pensamento compartilhado sustentado* (ARCE, 2013, p. 8, grifo da autora).

Essa valiosa etapa fomenta muita reflexão e permite um maior entendimento do desenvolvimento infantil, além de contribuir para a construção de uma identidade profissional sólida. Neste sentido,

[...] o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 17).

A contínua elaboração e análise de planos de atividades confirmam que as crianças são incentivadas a se expressar, investigar e desvendar o ambiente ao seu redor. O Estágio Curricular Obrigatório 1 desempenha um papel substancial no processo de consolidação de uma identidade profissional.

Considerações finais

Esta primeira etapa, o Estágio Curricular Obrigatório 1 – Educação Infantil, é fase essencial na formação de profissionais da educação, incluindo aqueles que desejam atuar na Educação Infantil. Durante esse período, os estudantes têm a oportunidade de vivenciar a realidade da sala de aula e de se envolverem diretamente com as crianças. Dentre os diversos benefícios associados ao estágio na Educação Infantil, encontramos: desenvolvimento de práticas educativas; reflexão sobre a prática; integração teoria-prática; busca por qualidade nas práticas educativas; aprendizado sobre desenvolvimento infantil e formação da identidade profissional.

Reforçamos a importância do Estágio Curricular Obrigatório 1 – Educação Infantil, uma vez que esta etapa propicia o estagiário a observar e refletir sobre os elementos essenciais para que o desenvolvimento da criança aconteça de forma sólida e adequada. Por isso a necessidade de se relatar o que é observado na instituição campo, principalmente no que se refere à formação e atuação docente

Durante as observações, constatamos a importância da rotina para o bem-estar da criança como o café da manhã, a troca de fraldas, o almoço, o momento do descanso (hora da

soneca), por exemplo. Esses momentos ressaltam regras e atitudes individuais e de convívio social necessárias à inserção na sociedade de uma forma geral.

Observar, descrever, refletir e analisar as idas a campo potencializa a construção de saberes docentes e o desenvolvimento contínuo da identidade docente. Esse movimento dialético impacta e estimula reflexões e atitudes que almejam não apenas reproduzir o excelente trabalho que o CMEI Flor do Cerrado tem fornecido, mas pensar além e sempre em busca de outros caminhos que contribuam para a coerência de uma educação de qualidade socialmente referenciada.

Essas palavras que se encerram por aqui objetivam concluir apenas um recorte da realidade, um contorno raso de um mar vasto de elementos acadêmicos e docentes que enriquecem gradativamente nossa constituição professoral de mais um pôr do sol na praia, até que estejamos aptos a dar o primeiro mergulho.

Referências

ARCE, Alessandra (Org.). **Trabalho pedagógico com crianças de até três anos**. Campinas, SP: Alínea, 2014.

ARCE, Alessandra. É possível falar em pedagogia histórico crítica para pensarmos a educação infantil? **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 5, n. 2, p. 5-12, dez. 2013. Disponível em:
<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9695/708>> Acesso em: 20 jul. 2023

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Presidência da República: casa civil. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília: MEC, 2008. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm.
Acesso em: 20/10/2023

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-crítica**. 5.ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2012. (Coleção educação contemporânea).

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2 ed. Reimp. Rio de Janeiro: E.P.U., 2022. 112 p.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**: diferentes concepções. *Revista Poiesis*, v.3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio Supervisionado na Formação de Professores:** unidade teoria e prática? 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. O Estágio Curricular no processo de tornar-se professor. In: OSTETTO, L. E. (org.). **Educação Infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 127-138.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia historicocrítica:** primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SILVA, Nilson Robson Guedes. **Estágio Supervisionado em Pedagogia.** Campinas, SP: Alínea, 2011.